

TOPA, Francisco (Ed.). *Um G(onç)alo renascido: poesia inédita do Brasília Gonçalo Soares da Franca*. Porto: Sombra pela cintura, 2012. 156 p.



Depois da monumental edição crítica dos sonetos de Gregório de Matos, publicada em 1999 (ISBN 9729767564), este livro vem juntar-se a um conjunto de trabalhos de Francisco Topa que vêm colmatar uma das principais lacunas no estudo da literatura lusófona do período colonial.

Já em finais do terceiro quartel do séc. XX Aguiar e Silva observava, na sua análise ao *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, que “o conhecimento da nossa poesia barroca, no que tange a matérias de crítica textual e publicação de textos, apresenta perspectivas desoladoras”. Trinta anos volvidos, Ildásio Tavares iniciava ainda a apresentação a um livro do académico portuense, notando que “a Crítica Textual engatinha quando se fala da língua portuguesa. [...] Já no Brasil, nossos melhores autores, nossos clássicos estão de braços cruzados na sepultura, à espera de sua edição crítica” (*O Mapa do Labirinto*, ISBN 8531207819).

No que aos séculos XVII e XVIII diz respeito, esta realidade é particularmente evidente, pois não basta editar a obra dos nomes proeminentes, ainda hoje reféns da inacessibilidade dos manuscritos. Como observa Francisco Topa, “é legítimo – e é necessário – resgatar do esquecimento autores e obras que não aspiram (ou não reúnem condições para aceder) ao estatuto de canónicos” (p. 11). Apenas a revelação destes poetas – porventura secundários, mas tão importantes para o estudo da literatura, da língua, da sociedade e cultura de uma época – poderá ditar um conceito mais abrangente do que foi a nossa poesia *barroca*, pois “cada autor é parte de um todo complexo que atua sobre ele mas que é também por ele afetado, sendo impossível compreender e avaliar os *maiores* sem levar em linha de conta os *menores*” (p. 11). Em causa estará portanto um conceito sistémico de período literário, cuja avaliação apenas será possível, quando recuperarmos parte significativa das obras produzidas nessa mesma época.

Visto a esta luz, o trabalho agora publicado reveste-se de importância redobrada, na medida em que Gonçalo Soares da Franca – nascido em Salvador, no ano de 1678 – conviveu de perto com Gregório de Matos, durante

a passagem pelo colégio dos jesuítas, sendo muitos dos seus versos coincidentes (p. 112) e até certo ponto indissociáveis da própria obra gregoriana, como aliás demonstra o códice que está na base desta edição crítica. Trata-se do Ms. Arm.º I, n. 29, da Biblioteca Pública de Évora, que o investigador dera já a conhecer em 1999, contendo uma primeira parte dedicada a Gregório de Matos, seguida de vários poemas atribuídos ao Doutor Gonçalo Soares.

Ao todo, são 40 os textos agora publicados com base no códice eborense, remetendo para anexo final um carme de autoria duvidosa, que noutras fontes aparece também atribuído ao Boca do Inferno. No essencial, portanto, a tradição desta poesia inédita baseia-se (com exceção de dois poemas) num único testemunho; facto que, se nos impede de avaliar a fidelidade ao original perdido (p. 47), acaba por resultar num trabalho com poucas zonas de sombra, mesmo tendo em conta o mau estado de conservação, que dificulta a leitura de alguns textos (p. 35).

Com o rigor que se impõe, o investigador procura assim “editar da forma mais próxima possível o manuscrito” (p. 47), respeitando a ordem dos poemas e circunscrevendo a atualização da grafia aos casos em que tal não desfigure a sincronia linguística, a realização fonética dos vocábulos ou o aspeto formal das composições. Entre os pontos mais sensíveis na edição de textos deste período, destacaríamos no entanto o uso das maiúsculas e da pontuação, que o editor opta por tratar de modo conservador, buscando todavia “algum compromisso entre aquilo que o testemunho revela serem os hábitos da época e as normas atualmente em vigor” (p. 51).

Num modelo de edição próximo ao estabelecido no seu trabalho de Doutoramento, Francisco Topa opta assim por elencar *a priori* os critérios adotados, apresentando depois a transcrição limpa do texto crítico, acompanhada de um generoso aparato, dividido em cinco partes: as variantes, a justificação das emendas, o glossário e notas explicativas (particularmente úteis ao leitor não especializado), a análise da transmissão testemunhal e, por fim, um apontamento sobre a poética do carme.

Só por este trabalho de anotação – e pelos textos introdutórios que apresentam a vida e obra do poeta – ficaria pois justificada a leitura deste volume. É no entanto sobretudo no *corpus* agora trazido a lume que reside o maior interesse desta obra, no sentido em que os poemas revelados apresentam uma faceta mais ágil e expressiva de Gonçalo Soares da Franca, do que sugeriam os poemas até aqui conhecidos no âmbito da Academia Brasílica dos Esquecidos. Segundo o editor, esta impressão decorre, em grande parte, “da diversidade de temas e motivos dos novos textos” (p. 37), e por neles prevalecer o registo burlesco (p. 39), com uma “ampla gama de técnicas da sátira e do cómico” (p. 43), que permitem entrever o “quotidiano vivo” (p. 12) não apenas de Salvador (p. 21), mas de vários outros espaços percorridos pelo

poeta, desde Maragogipe (p. 93) ou Jacobina (p. 117 e 119), até Sergipe-d’El-Rei (p. 67, 95, 105).

Por tudo isto, será fácil concluir que *Um G(onç)alo Renascido* oferece amplos motivos de interesse a todos os que se interessam pela literatura barroca em geral, e particularmente pela sociedade e cultura brasílicas de finais do século XVII e inícios de setecentos.

ELSA PEREIRA
Universidade do Porto

Recebido: 15 de fevereiro de 2013
Aprovado: 22 de março de 2013
Contato: epereira@net.sapo.pt